

Dificuldades de comunicação dos médicos no atendimento à pessoa surda

Difficulties in communication of doctors in care for the deaf person

Dificultades en la comunicación de los médicos en la atención a la persona sorda

Recebido: 25/07/2022 | Revisado: 12/08/2022 | Aceito: 19/08/2022 | Publicado: 27/08/2022

Wictor Hugo Oliveira Leles

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4026-4150>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: wictor_oliveira@hotmail.com.br

Álique Franco Pinheiro Alves Capop

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3665-0091>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: aliquecapop@hotmail.com

Leana Ferreira Crispim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0613-0004>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: leana.crispim@gmail.com

Resumo

Objetivo: Investigar as dificuldades de comunicação no atendimento médico ao público surdo em diferentes serviços de saúde. *Metodologia:* Estudo quantitativo e descritivo com profissionais médicos que atuam em diferentes serviços de saúde na cidade de Mineiros – GO, através da aplicação de um questionário semiestruturado, composto por 25 questões. *Resultados:* A maioria dos médicos pesquisados não tiveram a disciplina de Libras na sua formação. Mesmo assim, acham importante a inclusão dessa disciplina na graduação e acreditam que a falta de conhecimento da língua pode influenciar no diagnóstico/tratamento do paciente. Muitos relataram sentir dificuldade na comunicação e constrangidos durante a consulta ao paciente surdo. *Conclusão:* Percebe-se a importância do conhecimento da Libras para o atendimento humanizado e de qualidade ao paciente surdo, entretanto, a maioria dos médicos não detêm esse conhecimento.

Palavras-chave: Libras; Relação médico-paciente; Surdez.

Abstract

Objective: To investigate communication difficulties in medical care for the deaf public in different health services. *Methodology:* Quantitative and descriptive study with medical professionals who work in different health services in the city of Mineiros - GO, through the application of a semi-structured questionnaire, composed of 25 questions. *Results:* Most of the doctors surveyed did not have the Libras discipline in their academic formation. Even so, they think it is important to include this subject in undergraduate courses and believe that the lack of knowledge of the language can influence the diagnosis/treatment of the patient. Many reported having difficulty communicating and feeling embarrassed during the consultation with the deaf patient. *Conclusion:* It is noticed the importance of knowledge of Libras for humanized and quality care to the deaf patient, however, most doctors do not have this knowledge.

Keywords: Libras; Doctor-patient relationship; Deafness.

Resumen

Objetivo: Investigar las dificultades de comunicación en la atención médica al público sordo en diferentes servicios de salud. *Metodología:* Estudio cuantitativo y descriptivo con profesionales médicos que actúan en diferentes servicios de salud en la ciudad de Mineiros - GO, mediante la aplicación de un cuestionario semiestruturado, compuesto por 25 preguntas. *Resultados:* La mayoría de los médicos encuestados no tenían la disciplina Libras en su formación. Aun así, consideran importante incluir este tema en los cursos de pregrado y creen que el desconocimiento del idioma puede influir en el diagnóstico/tratamiento del paciente. Muchos relataron sentir dificultades en la comunicación y vergüenza durante la consulta con el paciente sordo. *Conclusión:* Se advierte la importancia del conocimiento de Libras para la atención humanizada y de calidad al paciente sordo, sin embargo, la mayoría de los médicos no poseen este conocimiento.

Palabras clave: Libras; Relación médico-paciente; Sordera.

1. Introdução

A audição é um dos sentidos mais importantes e é essencial para a aquisição da linguagem falada, por isso, a surdez traz tantas limitações para o desenvolvimento e relacionamento social, além de estabelecer lacunas nos processos psicológicos de integração de experiências, afetando, inclusive, o equilíbrio e a capacidade normal de desenvolvimento da pessoa (Silva et al. 2021; Silva et al. 2015).

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, existem no Brasil 2.143.173 indivíduos com deficiência auditiva severa, e mais de 9,7 milhões com algum tipo de deficiência auditiva, sendo incluídas na cultura surda ou na cultura ouvinte, tornando-se pacientes com especificidades totalmente distintas (Melo, et al., 2020; IBGE, 2010). Estudos mais recentes revelam a existência de 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva no Brasil, sendo 2,3 milhões com deficiência severa (Granda, 2019).

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda pela Lei Federal nº 10.436/02. Já em 22 de Dezembro de 2005 foi publicado o Decreto nº 5.626 que destacou aspectos relativos à inclusão da Libras em todos os setores do país (Silva et al. 2021; Lima & Lima, 2019; Pires & Almeida, 2016). Porém mesmo com conquistas legais, essa população ainda sofre por causa das barreiras comunicacionais, falta de informação e preconceito (Yonemotu & Vieira, 2020).

Na área da saúde, habilidades de comunicação interpessoal são imprescindíveis na assistência a qualquer paciente, e as ações dos profissionais da saúde são pautadas pela comunicação, independente da sua formação acadêmica. Este profissional tem como ferramenta base de seu trabalho as relações humanas. Portanto, compreender o relacionamento entre o profissional de saúde e a pessoa surda é condição necessária para qualificar os serviços prestados à população surda (Lima & Lima, 2019; Chaveiro et al. 2010), uma vez que a base para a anamnese na área da saúde é necessária uma boa comunicação entre médico e paciente. No instante em que essa comunicação se torna falha, são grandes as chances de equívocos (Gomes et al. 2017).

Entretanto, o público surdo encontra inúmeras barreiras quando necessitam de atendimento médico o que comprometem a qualidade da consulta e a satisfação dos mesmos (Neves, et al., 2016; Pires & Almeida, 2016; Chaveiro, et al., 2009). Além disso, ainda têm dificuldade para usufruir serviços básicos, como, por exemplo, acesso a hospitais, já que os ouvintes também têm dificuldades em entender a língua dos sinais (Pires & Almeida, 2016, Oliveira, et al., 2015).

Então, considerando a importância da comunicação entre médico-paciente durante o atendimento, sua importância para chegar ao diagnóstico e tratamento corretos, bem como os dados apresentados pela literatura, acredita-se que o paciente surdo enfrenta muitas dificuldades uma vez que não consegue estabelecer uma comunicação adequada com o profissional, que parece apresentar grandes dificuldades com o conhecimento da Libras. Por isso, a pesquisa tem como propósito averiguar se os médicos de diferentes serviços de saúde estão aptos a atender um paciente surdo.

2. Metodologia

Foi realizado um estudo quantitativo e descritivo com profissionais médicos que atuam em diferentes serviços de saúde na cidade de Mineiros – GO. Esse estudo foi realizado através da aplicação de um questionário semiestruturado composto por 25 questões distribuídas em três partes com a finalidade de realizar a caracterização pessoal e profissional dos médicos, e investigar sobre o atendimento desses profissionais às pessoas surdas em diferentes serviços de saúde. Segundo (Pereira et al. 2018) a utilização de questionários em pesquisas científicas é uma técnica bastante validada e deve ser composto por questões bem apresentadas, podendo ser aplicado de forma virtual ou impressa, como no caso deste estudo.

Após aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o parecer número 4.977.296, os profissionais médicos receberam todas as informações referentes à pesquisa e foram convidados a participar de forma voluntária através da assinatura

do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). Os profissionais que aceitaram participar do estudo receberam o questionário impresso pelos pesquisadores responsáveis em seus respectivos locais de trabalho e o mesmo foi respondido de forma anônima.

Para a composição da amostra, a partir dos critérios de inclusão, foram selecionados os profissionais médicos que trabalham em diferentes estabelecimentos de saúde, sendo eles: Unidade básica de Saúde (UBS), Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), Hospital e Consultório Particular. Desses, foram excluídos aqueles que não concordaram em participar do estudo e/ou recusaram em assinar o TCLE.

Após aplicação dos questionários, os resultados foram armazenados em planilha do Excel 2016 e submetidos à análise estatística descritiva, apresentados por meio de médias, frequência simples e percentuais. Todos os dados coletados tiveram a garantia do sigilo que assegura a privacidade e o anonimato dos sujeitos e serviços de saúde envolvidos.

3. Resultados

Obtivemos um total de 52 questionário respondidos por profissionais médicos, atuantes em diferentes serviços de saúde como Hospitais, UBSs, UPAs e que cursaram a graduação e pós graduação em diferentes instituições de ensino.

3.1 Caracterização pessoal

Das 52 respostas obtidas, 27 (51,9%) foram respondidas por homens e 25 (48,1%) por mulheres com idade variando entre 23 e 66 anos. A média de idade dos homens foi de aproximadamente 41 anos e mulheres foi de 35. Nas respostas obtidas pelos homens constatou-se que 5 (18,5%) deles tem pessoas surdas na família e das mulheres apenas 2 (8,0%), como mostrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização Pessoal.

Sexo	n (%)	Idade (\bar{x})	Surdos na família
Homens	27 (51,9 %)	40,85	5 (18,5 %)
Mulheres	25 (48,1 %)	34,64	2 (8,0 %)
Total	52 (100 %)	37,86	7 (13,5 %)

Legenda: n - número; % - percentual; \bar{x} - média. Fonte: Autoria própria.

3.2 Caracterização profissional e conhecimento de Libras

Dos médicos participantes, 15 (28,8%) possuem menos de 5 anos de atuação profissional; 16 (30,8%) possuem 6 a 10 anos; 14 (26,9%) de 11 a 20 anos, e apenas 7 (13,5%) exercem a profissão há mais de 20 anos. Em relação à formação acadêmica, 17 (32,7%) fizeram a graduação em instituições públicas e 35 (67,3%) em instituições privadas. Desses, a grande maioria (78,8%) não tiveram aulas de Libras durante a graduação (Tabela 2).

É importante salientar que dos 11 médicos (21,2%) que tiveram aula de Libras na graduação apenas dois possuem mais de cinco anos de formados, e que sete cursaram a faculdade em instituições privadas.

De acordo com a Tabela 2, nota-se que 14 (26,9%) dos 52 médicos não possuem pós graduação, seja residência ou especialização. Aqueles que possuem especialização e residência representam, respectivamente, 26,9% e 40,4% da amostra. Menos de 5% possuem pós-graduação *Strictu sensu*. Independentemente do tipo de pós graduação concluída, especialização e/ou residência médica, nenhum profissional teve aula de Libras nesses programas.

Tabela 2 - Caracterização profissional e aprendizado de Libras.

Tempo de atuação profissional	n (%)	Graduação	n (%)	Aula de Libras na Graduação	n (%)
≤ 5 anos	15 (28,8%)	Pública	17 (32,7%)	Não	41 (78,8%)
6 a 10 anos	16 (30,8%)				
11 a 20 anos	14 (26,9%)				
> 20 anos	7 (13,5%)	Privada	35 (67,3%)	Sim	11 (21,2%)
Especialista	n (%)	Pós-graduação <i>Strictu sensu</i>	n (%)	Aula de Libras na Pós-graduação	n (%)
Não	14 (26,9%)	Não	50 (96,2%)	Não	14 (26,9%)
Sim (Especialização)	14 (26,9%)	Sim (Mestrado)	2 (3,8%)	Sim	0 (0%)
Sim (Residência)	21 (40,4%)	Sim (Doutorado)	0 (0%)	Sem pós-graduação	38 (73,1%)
Ambas	3 (5,8%)				

Legenda: n - número; % - percentual. Fonte: Autoria própria.

Quando questionados sobre a importância da inserção da Libras na graduação, mais de 90% (n=48) dos médicos julgam ser importante o aprendizado da mesma na graduação. Entretanto, ao observar a Tabela 3, constata-se que quando questionados sobre a importância de aprender Libras na pós-graduação, esse número cai para 63,5%.

Tabela 3 - Inserção de Libras na graduação.

Considera importante a inserção da Libras na Graduação	
Não - n (%)	Sim - n (%)
4 (7,7%)	48 (92,3%)
Considera importante a inserção da Libras na Pós-graduação	
Não - n (%)	Sim - n (%)
19 (36,5%)	33 (63,5%)

Legenda: n - número; % - percentual. Fonte: Autoria própria.

Mais da metade da amostra (63,4%) não tem conhecimento de Libras. Dos 36,5% que tem conhecimento da língua, 84,2% deles julgam ter conhecimento básico, 15,8% intermediário e nenhum avançado. Além disso, dos 63,4% que não tem conhecimento de Libras, 30,3% deles não tem interesse em aprender a língua.

3.3 Atendimento médico à pessoa surda

Em relação ao atendimento médico à pessoa surda, dos médicos pesquisados, 88,5% já atenderam pacientes surdos sendo que mais da metade (65,2%) estavam acompanhados de intérprete. Dos 34,8% que não tinham acompanhante, 43,8% dos médicos relataram que conseguiram se comunicar com o paciente com facilidade e 56,2% se comunicaram, porém com dificuldade, como pode ser observado na Tabela 4.

Tabela 4 - Atendimento médico à pessoa surda.

Já atendeu paciente surdo?		Se sim, paciente estava com intérprete?		Se não, você conseguiu se comunicar com o paciente?		
Não	Sim	Não	Sim	Sim, com facilidade	Sim, com dificuldade	Não
6 (11,5%)	46 (88,5%)	16 (34,8%)	30 (65,2%)	7 (43,8%)	9 (56,2%)	0 (0%)
Você acha que saber Libras humaniza o atendimento?		Essencial aprender Libras no atual momento da sua carreira?		Falta de conhecimento sobre Libras pode interferir no diagnóstico/ tratamento?		
Não	Sim	Não	Sim	Sim, pouco	Sim, muito	Não
0 (0%)	52 (100%)	13 (25%)	39 (75%)	19 (36,5%)	29 (55,8%)	4 (7,7%)

Fonte: Autoria própria.

Todos os médicos da amostra concordam que saber Libras humaniza o atendimento, porém 75% deles acham ser essencial aprender Libras no atual momento da sua carreira. Sobre a falta de conhecimento em Libras, 36,5% dos médicos relatam que essa falta de conhecimento interfere pouco no diagnóstico e/ou tratamento que o paciente receberá, porém, mais da metade da amostra (55,8%) afirmaram que interfere muito no diagnóstico e/ou tratamento e apenas uma minoria (7,7%) acham que não faz diferença para o diagnóstico/ tratamento das doenças (Tabela 4).

Mais de 85% dos médicos entrevistados não possuem nenhum deficiente auditivo na família e a grande maioria (76,1%) relatou não sentir nenhum tipo de constrangimento durante o atendimento desse público.

4. Discussão

A deficiência auditiva, congênita ou adquirida, consiste na diminuição da capacidade de percepção normal dos sons. Considera-se surdo o indivíduo cuja audição não é funcional para o desempenho de atividades diárias. A surdez pode ser classificada como leve (perda auditiva de até 40 decibéis); moderada (perda auditiva entre 40 a 70 decibéis); severa (perda auditiva entre 70 e 90 decibéis) e profunda (perda auditiva superior a 90 decibéis) (Araújo, et al., 2019; Neves et al. 2016; França, et al., 2016).

Essa deficiência atinge 54% de homens e 46% de mulheres e é predominante na faixa de 60 anos de idade ou mais. Apenas nove por cento das pessoas com deficiência auditiva nasceram com essa condição e 91% adquiriram ao longo da vida, sendo a metade antes dos 50 anos da idade. Entre os que apresentam deficiência auditiva severa, 15% já nasceram surdos e a maioria não usa aparelho auditivo (Granda, 2019).

É importante considerar que a comunicação constitui um processo fundamental para se prestar uma assistência de qualidade, por isso pode ser considerada uma ferramenta imprescindível em todos os tipos de relações (Araújo et al., 2019; Cavagna, et al., 2017; Oliveira et al. 2015). As pessoas que procuram os serviços de saúde buscam, além de acolhimento, relações solidárias e de confiança com os profissionais para poder resolver seu problema de saúde (Pires & Almeida, 2016; Oliveira et al. 2008). O indivíduo surdo, ao buscar atendimento na Unidade de Saúde, encontra como bloqueio, a sua comunicação com a equipe. Por não fazer uso da língua verbal, o mesmo se comunica através da Libras, sendo desconhecida pelos profissionais de saúde, na maioria das vezes, e com a ausência de intérpretes no local, a assistência para com o surdo, deixa de ser humanizada e eficaz (Pires & Almeida, 2016). A grande maioria da população surda não tem conhecimento da

Língua Portuguesa, que possui o vocabulário e a gramática completamente diferentes da Libras, sua primeira língua, tornando a comunicação escrita cheia de obstáculos, já que esta deve ser feita com termos de fácil compreensão e linguagem simplista (Souza et al. 2017).

Apesar do decreto nº 5.626 de 2005 determinar a inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva na atenção integral à saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas; de destacar a necessidade de profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação durante os atendimentos e de anunciar apoio à capacitação e a formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras (Araújo et al. 2019), ainda existe uma barreira comunicacional muito grande durante a assistência em saúde à esse grupo populacional devido à falta de preparo dos profissionais (Souza et al. 2017). Geralmente a relação entre o profissional da saúde e o cidadão surdo ocorre fora dos padrões previstos na rotina de atendimento. A situação se torna limitada tanto para o profissional quanto para o paciente o que prejudica a comunicação, consequentemente a criação de vínculos a ser estabelecidos entre ambos (Pires & Almeida, 2016). Esse estudo mostra que uma pouco mais da metade dos médicos entrevistados conseguiram se comunicar com o paciente surdo mesmo sem intérprete, porém com dificuldades. Além do desafio linguístico, os surdos ainda enfrentam obstáculos na acessibilidade à saúde devido ao déficit de humanização na relação profissional-paciente, baixo conhecimento dos surdos sobre o processo de saúde-doença e ao difícil processo de inclusão destes na sociedade (Souza et al. 2017).

Nesse contexto, a acessibilidade no atendimento clínico dos surdos é um assunto relevante para um melhor entendimento da necessidade de reestruturação na formação dos profissionais de saúde. A falta de capacitação desses profissionais pode gerar dano durante o atendimento médico, podendo resultar em constrangimento, diagnóstico errôneo, dificuldade de elaborar corretamente o prontuário médico, não adesão ao tratamento, insatisfação e sofrimento do paciente e, por fim, tratamento falho (Gomes et al. 2017). Em concordância com a literatura, essa pesquisa mostra que quase 80% dos médicos não tiveram a disciplina de Libras na graduação o que resulta em sua falta de capacitação para atender esse tipo de paciente. E, da parcela minoritária dos médicos que tiveram acesso a Libras na graduação mais de 80% se formaram nos últimos cinco anos, o que reflete a recente inserção da disciplina nos cursos de graduação. Ainda, a falta de conhecimento por parte da classe médica e perpetuação de ideias pré-concebidas a respeito dos surdos, tais como baixa habilidade de comunicação, dificuldade na aquisição de linguagem e falta de inteligência, se tornam barreiras para o atendimento pleno e digno desse grupo. As questões socioculturais também acabam por gerar falhas no processo da relação médico paciente, o que distancia a população surda da busca de auxílio médico (Paz et al. 2020).

No Brasil, apesar de existirem campanhas recentes como a intitulada “Iguais na Diferença”, criada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, políticas e leis como a Lei Federal n. 10.436/02 regulamentada pelo Decreto n. 5.626/05, a inclusão e a independência do Surdo ao procurarem serviços de saúde, e outros serviços, ainda é baixa, devido à grande escassez de informações sobre si e seus direitos por parte dos profissionais que os atendem. Essa situação afeta principalmente as consultas médicas e de enfermagem, pois os Surdos apresentam restrições frente a uma sociedade ainda precária no conhecimento de sua cultura, o que leva a família a sempre acompanhá-los (Pires & Almeida, 2016).

Embora o Decreto nº 5.626 de 2005 garanta à pessoa com deficiência um ambiente preventivo, curativo e reabilitador, ainda assim, muitos anos depois, o SUS ainda apresenta muitos obstáculos para o atendimento de pessoas com deficiência auditiva. Esse decreto também determina a obrigatoriedade do ensino da Libras nos cursos de formação para exercício do magistério ou licenciatura nas diferentes áreas do conhecimento em instituições brasileiras públicas e privadas. Para o curso de Medicina e os demais cursos de educação superior e profissional, a disciplina deve ser ofertada de forma eletiva (Levino, et al., 2013; Pereira, et al., 2020). Esse estudo mostra que a grande maioria dos médicos pesquisados (92,3%) consideram importante a inserção da Libras na graduação, porém quando essa pergunta se estende a inserção de Libras na pós-graduação esse número cai para 63,5%. Ao ser reconhecida como disciplina no ensino superior, a Libras possibilita o desenvolvimento linguístico,

intelectual e social de seus usuários, ampliando-se para os atendimentos públicos da sociedade, impulsionando a inserção social do surdo, pois este poderá exercer sua cidadania participando de maneira ativa e consciente no meio social, já que sua língua materna será respeitada e assimilada pelo meio social (Rossi, 2010).

5. Conclusão

Nota-se que o conhecimento da Libras é de suma importância para o atendimento em saúde de qualidade e humanizado ao paciente surdo, principalmente quando não está na presença de um intérprete. A maioria dos médicos pesquisados relatou dificuldade para se comunicar com o paciente, podendo causar constrangimento na consulta e a possibilidade de algum erro diagnóstico. Mesmo com essa falta de conhecimento da Libras na comunidade médica, uma boa parcela dos médicos que não tem nenhum conhecimento em Libras curiosamente relata não ter interesse em aprender, mesmo sendo unânime a concordância em que o conhecimento da língua humaniza o atendimento.

Sugere-se como pesquisa futura a aplicação de questionário semelhante com acadêmicos de medicina a fim de observar e comparar a relação dos mesmos com a Libras antes e depois de formados.

Referências

- Araújo, A. M., Cotta, B. S. S., Souza, A. C. R., Oliveira, A. P., & Lages, K. S. (2019). A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, 3(1), 3-9.
- Cavagna, V. M., Silva, W. P. J., Braga, A. L. S., & Andrade, M. (2017). O paciente surdo e suas vivências no sistema de saúde: uma interface com a enfermagem. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 80(18), 33-39.
- Chaveiro, N., Barbosa, M. A., Porto, C. C., Munari, D. B., Medeiros, M., & Duarte, S. B. R. (2010). Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional de saúde. *Cogitare Enferm*, 15(4), 639-45.
- Chaveiro, N., Porto, C. C., & Barbosa, M. A. (2009). Relação do paciente surdo com o médico. *Rev Bras Otorrinolaringol*, 75(1), 147-50.
- França, E. G., Pontes, M. A., Costa, G. M. C., & França, I. S. X. (2016). Dificuldades de profissionais na atenção da pessoa com surdez severa. *Ciencia y Enfermeria*, 22(3), 107-16.
- Gomes, L. F., Machado, F. C., Lopes, M. M., Oliveira, R. S., Holanda, B. M., Silva, L. B. & Kandratavicius, L. (2017). Conhecimento de Libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(4), 551-6.
- Granda, A. (2019). País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Estatísticas de gênero. <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>.
- Levino, D. A., Souza, E. B., Cardoso, P. C., Silva, A. C., & Carvalho, A. E. T. M. (2013). Libras na graduação médica: o despertar para uma nova língua. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(2), 291-7.
- Melo, R. I. O., Barros, N. C., Silva, E. P. F. J., Pontes, N. K. S., & Cordeiro, A. P. M. (2020). LIBRAS in the sexual education of the deaf person. *Research, Society and Development*, 9(1), e145911836.
- Neves, D. B., Felipe, I. M. A., & Nunes, S. P. H. (2016). Atendimento aos surdos no serviço de saúde: acessibilidade e obstáculos. *Infarma Ciências Farmacêuticas*, 157-65.
- Oliveira, Y. C. A., Celino, S. D. M., & Costa, G. M. C. (2015). Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 25(1), 307-320.
- Oliveira, A., Neto, J. C. S., Machado, M. L. T., Souza, M. B. B., Feliciano, A. B., & Ogota, M. N. (2008). A comunicação no contexto do acolhimento em uma unidade de saúde da família de São Carlos, SP. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 12(27), 749-62.
- Paz, M. F. C. J., Araújo, A. D. C. A., Silva, G. O., Araújo, G. V., Cunha, D. L., Silva, J. R. & Beltrão, R. P. L. (2020). Libras como ferramenta para aprimorar a relação médico-paciente surdo: uma breve revisão bibliográfica. *Research Society and Development*, 9(11), 1-20.
- Pereira, A. A. C., Passarin, N. P., Nishida, F. S., & Garcez, V. F. (2020). “Meu sonho é ser compreendido”: Uma análise da interação Médica – Paciente Surdo durante assistência à saúde. *Revista brasileira de educação médica*, 44(4), e121.
- Pires, H. F., & Almeida, M. A. P. T. (2016). A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista enfermagem contemporânea*, 5(1), 68-77.
- Pereira A. S., et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.

Rossi, R. A. (2010). A Libras como disciplina no ensino superior. *Revista de Educação*, 13(15), 71-85.

Silva, M. L., Silva, M. P. B., Leite, A. C., Melo, B. C., Santos, A. B. A. S., Moura, L. C., & Fagundes, G. R. S. (2021). As dificuldades encontradas na assistência à saúde às pessoas com surdez. *Research, society and development*, 10 (2), 1-9.

Silva, R. N. A., Silva, S. R., Carvalho Filha, F. A. A., Silva, F. L., & Vilanova, J. M. (2015). Assistência ao surdo na atenção primária: concepções de profissionais. *J Manag Prim Heal Care*, 6(2), 189-204.

Souza, M. F. N. S., Araújo, A. M. B., Sandes, L. F. F., Freitas, D. A., Soares, W. D., Vianna, R. S. M., & Sousa, A. A. D. (2017). Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. *Rev. CEFAC*, 19(3), 395-405.

Yonemotu, B. P. R., & Vieira, C. M. (2020). Diversidade e comunicação: percepções de surdos sobre atividade de educação em saúde realizada por estudantes de medicina. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(2), 401-414.